

# Guaranis voltam depois de mais de dois séculos

**Antropólogos afirmam que os índios já são 15 mil nos três Estados do Sul**

**AYRTON CENTENO**

PORTO ALEGRE — Quase 250 anos depois de serem expulsos, os índios guaranis estão retornando para se estabelecer no Brasil. O antropólogo Sérgio Batista da Silva, de 33 anos, que há cinco anos está estudando o grupo e suas movimentações, afirma que os guaranis estão instalando-se novamente no Rio Grande do Sul e também em Santa Catarina e Paraná. O número de índios já chega a 15 mil.

A antropóloga Katya Vietta, de 26 anos, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, acrescenta que o fenômeno já começou 15 anos atrás. Katya está preparando uma tese de mestrado a respeito do que julga ser a razão do retorno dos guaranis: "A procura do que eles chamam de terra sem males". Segundo ela, essa é uma motivação da filosofia desses índios que é muito anterior ao seu contato com os padres jesuítas. "Trata-se de uma espécie de lugar ideal para viver, uma busca que fazem há milhares de anos", diz Silva.

Afastados da Fundação Nacional do Índio (Funai), segundo o antropólogo, porque entendem que se ligar à Fundação representaria o fim da autodeterminação de suas aldeias e de sua liberdade, os guaranis constituíram 20 agrupamentos no Rio Grande do Sul em 15 anos, outros três em Santa Catarina e um no Paraná. "A última aldeia nasceu no ano passado, em Itajaí, em Santa Catarina, onde estão 48 pessoas", diz Sérgio Batista da Silva.

Além dos mibias, o subgrupo dominante no Rio Grande do Sul, existem ainda os nhandevas e os caiouas, que são precedentes principalmente da província argentina de Misiones, na fronteira com o Brasil e o Paraguai. Para entrar no País, no entanto, os guaranis nem sempre têm usado o caminho mais curto, preferindo às vezes cumprir um longo percurso em curva. Eles passam pelo Uru-



Carlos Rodrigues/AE

*Antropólogo Silva: 20 comunidades guaranis no RS*

guai e entram no Brasil por Jaguarão, cidade que fica a 386 quilômetros de Porto Alegre. "Preferem viajar por etapas, parando em casas de parentes, mesmo que a viagem fique mais longa", diz Katya, que estuda os hábitos das duas maiores aldeias guaranis do Estado, situadas em Osório, no litoral gaúcho.

Os dois antropólogos não negam a existência de outras razões para o reencontro dos guaranis com a terra de seus antepassados: o avanço da colonização e o surgimento de dissidências contra as lideranças nas aldeias. No entanto, eles consideram como força preponderante as motivações religiosas ou filosóficas. "Deus mandou ela vir para cá", testemunha Tiago Blanco, mibia que veio de Misiones para Viamão, a 50 quilômetros de Porto Alegre. O índio refere-se a sua sogra, Clementina Duarte, também índia, que deixou a Argentina para se fixar na povoação de Cantagalo com outros parentes. Tiago, de 31 anos, seguiu a

sogra em 1988 com a mulher e o filho.

## NOMADISMO

Para manter a tradição nômade no século XX, os guaranis movem-se em pequenos grupos. "Não existe mais a fartura de terras que havia há 250 anos, fazendo com que eles criassem essa forma de adaptação", comenta Sérgio Batista da Silva. Segundo ele, o caso de Tiago é típico e ele não sabe quanto tempo ficará em Cantagalo, onde sobrevive da produção de artesanato. Geralmente, os mibias permanecem de dois a dez anos na mesma área, plantando milho, mandioca, batata e feijão.

Foi de Cantagalo e do agrupamento de Pacheca, em Camaquã, na Região Sul do Estado, que partiram as primeiras famílias para Itajaí. "O mais curioso em tudo isso é que eles escolhem locais para acampar onde têm convicção de que estiveram seus antepassados valendo-se apenas de uma longa tradição oral", explica o antropólogo.

Os mibias só erguem suas barracas ou cabanas onde há

água em abundância, perto de uma floresta subtropical e um morro com inclinação suave que lhes permita semear e colher. Nesse local, formam sua tecoha (aldeia). O sentido religioso da escolha da terra transparece na própria palavra: "teco" pode ser traduzido como o modo de ser dos guaranis, enquanto a partícula "ha" significa o lugar onde isso pode ocorrer.

Espalhadas pelo Estado, do litoral à fronteira com a Argentina, há 20 comunidades — a maioria das quais não existia até 1975. Apenas três, porém — Nonoai, Cacique Doble e Guarita —, que agrupam 1.200 índios, estão sob controle da Funai. Mesmo esses guaranis que vivem mais próximos do homem branco, no entanto, preferem ficar a distância.

O administrador regional da Funai no Rio Grande do Sul, Lourinaldo Veloso, admite que o grupo optou por cauteloso distanciamento da Fundação e justifica isso dizendo que eles já sofreram bastante na sua história. Veloso acrescenta que, algumas vezes, eles aceitam presentes — sementes e instrumentos agrícolas —, mas lembra as palavras de um velho cacique a quem ofereceu uma escola. "Meu professor é a minha cabeça; não me incomode que eu não incomode você", respondeu o índio.

Mais tarde a escola foi construída, mas mesmo assim os guaranis não deixaram o hábito de ensinar seu idioma aos filhos. Só depois disso, aos dez anos, permitem que as crianças aprendam o português no Brasil, ou o espanhol na Argentina e no Paraguai, onde formam um grupo de aproximadamente 150 mil pessoas, segundo estima o antropólogo Sérgio Silva.

O administrador regional da Funai diz que até o final do ano será feito um censo dos guaranis no Estado. Ele não arrisca um cálculo aproximado, porque lembra que os índios se movimentam muito, indo de uma comunidade para outra. A última contagem foi feita em 1958 e deu conta de menos de cem guaranis. Acredita-se que antes de Pedro Álvares Cabral chegar ao Brasil o número de guaranis atingisse 300 mil índios espalhados pelo sul e sudeste do País.

## Guerra foi causa da fuga

Os índios guaranis deixaram o Brasil depois do massacre sofrido na Guerra Guaranítica, que travaram contra portugueses e espanhóis para impedir o cumprimento do Tratado de Madri. Assinado entre Portugal e Espanha, o tratado previa a entrega aos portugueses do Sete Povos das Missões, no Rio Grande do Sul, em troca da Colônia de Sacramento, um fato que os portugueses dominavam em terras espanholas.

Os Sete Povos das Missões eram aldeamentos de guaranis e padres jesuítas, que juntos tinham construído escolas, oficinas de ourivesaria, ferraria e tecelagem. A guerra durou três anos, durante os quais portugueses e espanhóis mataram cerca de 1.300 índios. Parte dos sobreviventes passou para a outra margem do Rio Uruguai, enquanto milhares deles continuaram vivendo dispersos pela mata.